

Feminicídio: pena maior para um crime antigo

Nova lei dá nome a esse tipo de crime e o torna hediondo

TEXTO: GUILHERME SILLVA

EDIÇÃO: MARIANA PERINI

FOTOS: GUILHERME FERRARI E MARCELO PREST

DIAGRAMAÇÃO: EDSON DE MELO

Clícia Regina Alcântara, médica pediatra, 48 anos: brutalmente assassinada na madrugada de primeiro de maio em Cachoeiro de Itapemirim, Sul do Estado. Almerinda Ferreira Suim, doméstica, 35 anos: morta com uma pedrada na cabeça, na frente da filha, no dia 24 de abril.

Zenaide Trindade dos Santos, 30 anos, dona de casa: assassinada dentro do apartamento onde morava, na frente da filha, de 4 anos, na madrugada do dia 23 de setembro, no bairro Vila Capixaba, em Cariacica. Aline Alves, estudante, 17 anos: morta pelo namorado na zona rural de Marechal Floriano. Elaine Aparecida Silveira, de 39 anos: morta a facadas, no distrito de Soído de Baixo, em Marechal Floriano.

Clícia, Almerinda, Zenaide, Aline e Elaine são vítimas do feminicídio - homicídio que é resultado da violência doméstica e familiar e menosprezo ou discriminação à condição feminina. Foram vítimas da crueldade dos próprios maridos.

Com a lei nº 13.104/15, sancionada no dia 09 de março, todo feminicídio deixa de ser homicídio simples e passa a ser considerado homicídio qualifi-

cado, entrando para o rol dos crimes hediondos, considerados mais graves pela legislação brasileira. A pena de reclusão passa a ser de 12 a 30 anos, além do crime se tornar inafiançável. "Três agravantes foram colocados na lei. O primeiro é se o crime foi praticado contra gestante. O segundo se o crime for contra menores de 14 anos, maiores de 60 ou que apresentem debilidade. O terceiro se refere ao fato de o crime ser praticado ou não na presença de dependentes ou ascendentes", explica o delegado Adroaldo Lopes, titular da Delegacia de Homicídio e Proteção à Mulher (DHMP).

Até ontem 94 mulheres foram mortas no Estado. Desse total, cinco se enquadram no feminicídio. Pela primeira vez no Estado, o número de casos de mulheres mortas por crime passional ultrapassou o número de crimes envolvendo tráfico de drogas. Somente no ano passado, 23 mulheres foram mortas por motivo passional. Ou seja, o crime motivado pela paixão doentia, violenta e irreprimível.

São tantos crimes, que a polícia do Estado teve que criar a primeira delegacia do Brasil especializada em investigar homi-

cídios de mulheres. "É um trabalho difícil e árduo, que não se muda de uma hora para outra. É uma questão cultural, achar que, se a mulher não vai ficar com ele, não vai ficar com mais ninguém", ressalta o delegado.

A ESTATÍSTICA

As estatísticas mostram que as mulheres brasileiras são vítimas de violência doméstica, sexual ou causada pelo menosprezo de gênero. Duas em cada três pessoas atendidas no Sistema Único de Saúde (SUS) - em razão de violência doméstica ou sexual - são mulheres; e em 51,6% dos atendimentos foi registrada reincidência no exercício da violência contra a mulher. Somente no ano passado, 2.613 vítimas de violência (doméstica, sexual ou outras), entre 15 e 80 anos ou mais, foram atendidas no SUS no Espírito Santo. Os agressores geralmente estão dentro de casa.

Muitas mulheres, ameaçadas de morte acabam sendo encaminhadas para um dos três abrigos existentes no Estado. O local é sigiloso e vigiado 24 horas por dia. "Elas vivem sob a proteção do Estado. São mulheres marcadas para morrer pelo companheiro, que não respeitam a medida

O QUE DIZ A LEI

O que é feminicídio?

É o homicídio que resulta de violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação à condição feminina. Pode ser um marido que mata a esposa por causa do ciúme exagerado, por um sentimento de posse ou propriedade sobre a vida dela.

O que muda com a lei?

A principal mudança é o aumento da pena para quem praticou o crime. Com ela, o feminicídio deixa de ser homicídio simples - que prevê de seis a 20 anos de prisão - e passa a ser considerado homicídio qualificado, entrando para o rol dos crimes hediondos, considerados mais graves pela legislação brasileira, com pena de 12 a 30 anos. Além disso, o crime se torna inafiançável e esse tempo ainda pode aumentar de um terço até a metade se a mulher for morta durante a gravidez ou nos três meses após o parto, for menor de 14 anos, maior de 60, tiver alguma deficiência ou se o crime acontecer na presença de pais ou filhos da vítima.

protetiva ou o botão do pânico. O grande problema é que os filhos só podem acompanhar a mãe até 12 anos", explica a juíza Maria Hermínia Azoury, da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar.

O secretário de Segurança Pública, André Garcia, diz que não existe uma meta matemática para a diminuição de crimes contra as mulheres. "O objetivo é reduzir ano a ano todos os homicídios no Espírito Santo. Para isso também criamos 12 delegacias direcionadas às mulheres no interior, mas a delegacia já é o fim do ciclo. A mulher precisa de uma rede de atendimento, ser acolhida e tratada", ressalta. Assim, quem sabe, novas Clícias, Almerindas, Zenaides, Alines e Elaines não passarão a integrar a triste realidade de mulheres assassinadas.

leia amanhã

Entrevista: Maria da Penha

Mulher que deu nome a lei conta como sobreviveu a choques e a um tiro nas costas

OS CINCO CASOS DE FEMINICÍDIO

Casos como o de Clícia, Almerinda, Zenaide, Aline e Elaine chegaram à mídia desde que a Lei nº 13.104/15 - conhecida como Feminicídio - foi sancionada. Elas ainda fazem parte de uma triste realidade capixaba: a de mulheres mortas cruelmente pelos seus companheiros

▼ Aline Alves

A estudante, de 17 anos, foi morta pelo namorado, o mecânico Rafael Baumgarten. Ela recebeu facadas, na noite da última quinta-feira, após descobrir uma suposta traição. O crime aconteceu na zona rural de Marechal Floriano.



▼ Elaine Aparecida

A dona de casa, de 39 anos, foi encontrada morta a facadas, na madrugada do último domingo, na própria cama, no distrito de Soído de Baixo, em Marechal Floriano. O principal suspeito do crime é o companheiro dela.



▼ Clícia Regina Alcântara

A médica, de 48 anos, foi brutalmente assassinada dentro de casa, em Cachoeiro de Itapemirim, Sul do Estado, na madrugada de 1º de maio deste ano. Três dias depois, o marido da vítima, Inácio Gabriel Peruchi, de 45 anos, apresentou-se na delegacia acompanhado de um advogado e confessou o crime. O caso foi o primeiro feminicídio do município.



▼ Almerinda Ferreira Suim

A doméstica, de 35 anos, foi morta com um bloco de concreto na cabeça, na frente da filha, na noite de 24 de abril, em Terra Vermelha, Vila Velha. O ex-marido, o pedreiro Daniel Lopes de Souza, afirmou que matou a ex-mulher por ciúmes. A filha do casal, de 13 anos, presenciou o crime e implorou ao pai que não matasse a mãe. Mas isso não evitou o crime.



▼ Zenaide Trindade dos Santos

A dona de casa, de 30 anos, foi assassinada pelo marido dentro do apartamento onde morava, na frente da filha, de 4 anos - que também implorou para a o pai não matar a mãe. O crime aconteceu na madrugada de 23 de setembro, no bairro Vila Capixaba, em Cariacica. O assassino é o taxista Ezequiel Vicente Dias, de 26 anos.



a dor da perda

Elas convivem com uma ferida que nunca vai cicatrizar: a perda de um filho. A seguir, o depoimento de duas mães que perderam suas filhas para a violência doméstica

“Nunca vou me esquecer do dia 5 de fevereiro de 2015. Era, até então, um dia normal. Estava indo de carro para Jacupemba, onde alugaria uma casa, até que o meu telefone tocou. Do outro lado da linha um amigo da minha filha, Ana Clara Cabral, perguntou: ‘Está sabendo do sequestro?’. Não deu tempo de pensar em nada, apenas liguei para o pai dela, que também não sabia de nada. Não me conformei com a história e liguei no celular da minha filha, sem sucesso. Desesperada também liguei no trabalho, onde mentiram falando que ela estava de folga. Nunca mais falei com a minha filha. E o maior pesadelo da minha vida estava apenas começando. Ela foi assassinada com cinco tiros. O assassino? O próprio namorado, o ex-soldado da Polícia Militar Itamar Rocha Lourenço. Ana Clara era amorosa, companheira e compartilhava comigo alguns segredos. Cometi alguns erros no início do namoro dela, por não interferir. Meses antes fiquei sabendo de um empurrão que ela sofreu e acabou batendo a cabeça. Pedi para os amigos não comentarem nada e não quis fazer o Boletim de Ocorrência (B.O.).

No dia do trágico telefonema fui direto para casa do Itamar e lá encontrei um clima estranho. O irmão dopado. O pai parecia estar à base de remédio. A polícia estava no local. Ninguém me disse nada, mas percebi que minha filha tinha morrido. Só acharam o corpo de noite. Me doparam. Foi meu filho que me deu a notícia no dia seguinte. Demorei dois meses para ir ao apartamento e conseguir entrar no quarto que era dela. Não mexi em nada da minha filha, é muito difícil. Nunca estive frente a frente com o assassino da minha filha. Para sobreviver eu me entreguei ao trabalho”.

66

vivo o maior pesadelo da minha vida”

ANA KÁTIA RODRIGUES FÉLIX, 46 ANOS

Mãe de Ana Clara Cabral, morta com cinco tiros pelo namorado

66
encontraram o corpo de uma mulher parecido com o de uma boneca. Foi o que ouvi ao telefone. era a minha filha”

SELMA DOS SANTOS, 49 ANOS

Mãe de Bárbara Richardelle, assassinada por estrangulamento e lesão na cabeça

“Aquele dia foi diferente. Eu sempre preparava a marmita para a minha filha levar para o trabalho, ela não gostava de comer fora. E, ao contrário do que sempre acontecia, ela saiu de casa e não levou a comida. Lembro de ter falado: ‘Não deixe de comer’. Bárbara era uma menina cheia de sonhos, tinha acabado entrar na faculdade, estava deslumbrada com o trabalho. Meses antes, Christian havia acabado de se mudar para a nossa rua, em Riviera da Barra, Vila Velha. Eles se conheceram porque estudavam na mesma escola, e começaram a namorar. Eu não me sentia bem na presença dele. Sempre foi frio e calado. Era rotina eu ir buscá-la no ponto de ônibus. As horas passaram e naquele dia, às 19h30, ela ainda não tinha me ligado. Achei estranho. Liguei e tivemos um rápido diálogo. Foi a última vez que conversamos na vida. Trinta minutos depois liguei insistentemente e ela não atendeu mais o celular. Me desesperei e começou o meu pesadelo. Pedi a um amigo dela que fosse ao terminal de ônibus para ver se a encontrava, meu filho percorreu os hospitais e eu fiz uma peregrinação pelas delegacias. Quando voltei para casa, às 4 horas da manhã, o Christian estava no meu portão me esperando. Ele falou: ‘Nunca fui de te dar um abraço, mas você merece’. Não tive reação. Ele - que tinha matado a minha filha com um estrangulamento - teve a frieza de ir me abraçar. Mal sabia eu... Tomei banho e não dormi. Pela manhã, quando estávamos indo para a delegacia, o celular tocou. Minha cunhada atendeu e pedi para ela não me esconder nada. Do outro lado da linha disseram que tinham encontrado o corpo de uma mulher, parecido com o de uma boneca, na Rodovia Darly Santos. Quando cheguei à delegacia, uma multidão de repórteres veio para cima de mim. Ali a minha ficha caiu e me desesperei. Não me lembro do enterro, estava dopada. Cerca de 70 dias depois encontrei com o assassino na Superintendência da Polícia, e a única vontade que eu tinha era a de esfalear ele. Ele não teve coragem de olhar nos meus olhos. Os dias seguintes têm sido de tristeza, sempre lembro dela. E a única certeza que tenho é que nunca mais serei totalmente feliz”.

